

## O Quintana que (quase) ninguém viu\*

André Luis Mitidieri\*\*  
Vanderléia Skorek\*\*\*

### Resumo

*O presente artigo visa colaborar nas discussões contemporâneas sobre literatura de jornal e sistema literário, propiciando estudar a produção de Mario Quintana desde as revistas Ibirapuitan (1938-1939) e Província de São Pedro (1945, 1946, 1952), até a formatação no livro Espelho mágico (1951) e posteriores edições dessa obra literária. Para tanto, investigamos os vínculos memória-esquecimento, a partir das poesias editadas nos periódicos citados, mas que depois não seriam publicadas. Visando atingir os objetivos propostos, realizamos leituras sobre vida e obra de Quintana, estudamos a Edótica, Crítica Textual e Genética Textual. Após, confrontamos as teorias estudadas com o material coletado em Ibirapuitan, procurando concluir sobre a história editorial do poeta. Elegendo como texto-base a primeira edição de Espelho mágico, concluímos que 82 quartetos de Quintana foram editados em Ibirapuitan, 65 dos quais, efetivamente seriam mais tarde publicados em Espelho mágico, ao passo que 17 deles nunca mais receberam edição. Assim, procuramos resgatar esses textos inéditos por quase 70 anos, auxiliando na revisão da história editorial de Quintana.*

### Palavras-chave

Espelho mágico; história editorial; Ibirapuitan; Mario Quintana.

### Abstract

*This article attempts to cooperate in discussions on contemporary newspaper literature literary system, allowing to study the production of the magazines since Mario Quintana, Ibirapuitan (1938-1939) and the Província de São Pedro (1945, 1946, 1952), to formatting in the book Espelho Mágico (1951) and subsequent editions of that work. For this purpose we investigated the memory-forgetting links, from the poems published in journals cited, but then would not be published. Aiming to achieve the proposed objectives, we carried out reading about the life and work of Quintana, we studied the Edótica, Textual Criticism and Textual Genetics. After, we confront the theories studied the material collected in Ibirapuitan, trying to conclude on the publishing history of the poet. Choosing as the basic text for the first edition of Espelho Mágico, concluding that 82 quartets of Quintana published in Ibirapuitan, 65 of which actually published in Espelho Mágico, while 17 of them were no longer published. So we try to recover texts that were unprecedented for almost 70 years, aiming for their publication.*

### Keywords

Editorial history; Espelho mágico; Ibirapuitan; Mario Quintana

---

\* Artigo recebido em 01/06/2011.

\*\* Professor de Literaturas Hispânicas na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Docente de História da Leitura e História da Literatura no Mestrado em Linguagens e Representações da UESC e Docente Colaborador no Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Frederico Westphalen (URI-FW).

\*\*\* Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen. Docente na Rede Municipal de Ensino de Caiçara (RS).

O PRESENTE ARTIGO ORIGINA-SE DO PROJETO DE PESQUISA “Do Ibirapuitan à Província de São Pedro: Suplemento à História Literária de Mario Quintana”, desenvolvido na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Frederico Westphalen (URI-FW). Focamos nosso estudo na produção de Mario Quintana, desde as revistas *Ibirapuitan* e *Província de São Pedro*, até a formatação no livro *Espelho Mágico*, possibilitando, dessa forma, a investigação entre os vínculos memória-esquecimento, a partir das poesias antes editadas em tais revistas, mas que depois não vieram a ser publicadas em livro. Assim, procuramos compreender a atuação do poeta em dois sistemas literários, o alegretense e o porto-alegrense, os quais o tornaram conhecido, antes mesmo de publicar suas obras literárias.

Em 1929, Quintana Mario Quintana trouxe a lume alguns de seus poemas no *Correio do Povo* e na *Revista do Globo* (CASTRO, 1985, p. 40 - 41), mesmo ano em começou a trabalhar no jornal *O Estado de Rio Grande* e, em 1930, participou como voluntário da Revolução de 30. Após ficar seis meses no Rio de Janeiro, retornou a Porto Alegre e a seu emprego no jornal, que seria fechado em 1932, quando realizou seu primeiro trabalho de tradução para a Editora Globo: *Palavras e sangue*, de Giovanni Papini. Muitas de suas publicações em jornais acabariam por ser publicadas em livros. Alguns poemas lançados nas revistas *Ibirapuitan* e *Província de São Pedro* não foram reunidos para publicação posterior em coletâneas, o que efetivamente ocorreu com os demais poemas, editados em *A rua dos cataventos* e *Espelho mágico*.

Regina Zilberman (1982) já chamava atenção para uma parte do *corpus* ora escolhido – quintanares publicados entre 1938 e 1939 – no periódico literário alegretense, a levar por nome o rio que banha a cidade-natal do poeta: *Ibirapuitan*. Néa Castro (1985) afirma que esse “Mensário de Sociedade, Literatura e Arte”, fundado em Alegrete no ano de 1938, teve na direção o cronista Felisberto Soares Coelho. A revista congregava intelectuais de diversas orientações estilísticas e ideológicas, dentre eles, Quintana, cujo primeiro livro, composto apenas por sonetos, viria a ser publicado em 1940: *A rua dos cataventos*.

O primeiro livro de Quintana foi publicado em 1940: *A rua dos cataventos*, composto apenas por sonetos. Em 1945, Mario assinava a primeira coluna “Caderno H”, no número inaugural da *Revista Província de São Pedro*, pela Livraria Globo. Em 1946, lançou a público *Canções* e, em 1948, *Sapato florido*. No ano de 1950, o escritor surgiu no mercado nacional de literatura com *O aprendiz de feiticeiro*. Em 1951, publicou

*Espelho mágico*, formado por alguns epigramas já veiculados em *Ibirapuitan* entre 1938-39. Na folha de rosto do livro, a data de 1945 evidencia o momento em que o poemário, composto por 111 quartetos, poderia estar concluído. O livro recebeu pouca consideração; o próprio Quintana o excluiu da *Antologia Poética* de 1966. No entanto, Paulo Becker (1996) comprova a importância de *Espelho mágico*, o qual, embora pareça esconder a complexidade quintanesca, no fundo, diz mais do que aparenta à primeira vista.

Em 1966, a editora Globo lançou nacionalmente *Antologia poética*. A partir de então, as publicações não cessaram e o reconhecimento começava a surgir no universo da recepção: Quintana recebeu o prêmio Fernando Chinaglia “pelo melhor livro do ano”, foi homenageado na Academia Brasileira de Letras. Em 1967, a Câmara Municipal de Porto Alegre lhe concedeu o título de Cidadão Honorário e, no ano seguinte, Alegrete o homenageou com uma placa central na cidade, contendo a irônica frase de sua autoria: “Um engano em bronze é um engano eterno”. Entre tantas homenagens, o poeta sul-rio-grandense continuou publicando livros de poemas, a maioria, guiada pelas publicações em jornal.

Com 84 anos, o agora aclamado o escritor comemorou seu aniversário inaugurando a Casa de Cultura Mario Quintana. Era o prédio do antigo Hotel Majestic, onde ele havia residido por algum tempo, em Porto Alegre. A falta de endereço fixo ilustra seu modo desregrado de viver: “O sono e a saúde eram constantemente desafiados pelas conhecidas vigílias de Mario, por suas predileções aos doces, cafés e cigarros” (REMÉDIOS, 2006, p. 46). Em abril de 1994, o “Baudelaire sulino” foi hospitalizado, deixando de transitar pelas ruas porto-alegrenses, as quais cantou intensamente, até que a produção poética cessasse junto com o sujeito.

Buscando concluir sobre a história editorial de Quintana, em especial quanto ao recorte aqui processado, a metodologia utilizada para embasamento deste trabalho é encontrada, principalmente, em Segismundo Spina (1994), o qual define a *edótica*, diferenciando-a da *crítica textual*, e em Pierre-Marc de Biasi (2006), que discorre a respeito da *crítica genética*. A palavra *edótica*, originada do grego, significa “arte da publicação” (forma latina *édo* – publicar, dar à luz; *ica*: - arte). O termo abrange maior significação, uma vez que compreende as duas etapas da publicação: tanto a etapa filológica – que constitui a chamada crítica textual – quanto a etapa técnica, ou seja, preparação do material para a publicação. Seu objeto de estudo pode ser definido como

a publicação do documento, tendo em vista a apuração do seu texto, a busca de sua genuinidade.

A edótica se fundamenta num método crítico e trabalha, como já mencionado, somente com textos literários, remontando ao período clássico grego, quando a cultura assumiu uma formação de natureza mais espiritual, marcadamente literária. Iniciou-se um período de implantação escolar e de preocupação em preparar textos legíveis, apurá-los e publicá-los. Segundo Spina, a crítica textual moderna data de meados do séc. XIX, tendo como precursor Karl Lachmann, que censurava o sistema vigente de editar um autor, pois, até então, tomava-se por base uma edição autorizada, introduzindo-se nela as modificações segundo o arbítrio pessoal. Lachmann não concorda com essa postura dos editores e, por esse motivo, dá à crítica textual base e princípios científicos. Constrói uma terminologia latina de crítica textual, escreve sua introdução em latim e, nela, se encontram todos os princípios defendidos pelo teórico.

Para ele, os textos mais recentes muitas vezes não são os piores; por isso, não se eliminam cópias mais novas. O filólogo editor deve conhecer com segurança certas características do autor, para, dessa maneira, fazer algumas correções. Um manuscrito de linguagem clara nem sempre deve ser desprezado frente a um de linguagem obscura, pois é comum o copista não entender e colocar uma linguagem inteligível na transcrição. Também aconselha a eliminar qualquer manuscrito que acuse suspeita de interpolação (por exemplo, para censura, para tornar a frase mais elegante etc). De tal modo, Lachmann refuta hábitos editoriais anteriores, sistematiza normas fundamentais da crítica textual e distingue entre os procedimentos da *recensio* e da *emendatio*.

A *recensio*, ou *recensão*, define-se como um conjunto ordenado de várias operações. Primeiro, realiza-se o levantamento de toda a tradição existente da obra, eliminam-se as cópias coincidentes ou com interpolação. Após, faz-se o exame dos erros comuns, o reagrupamento do material remanescente em famílias para, então, chegar-se à árvore genealógica. Como operação final, realiza-se a reconstituição do *arquétipo* (códice-pai de todos os manuscritos de uma obra). Reconstituído o *arquétipo*, iniciam-se as operações da *emendatio*, destinadas à correção do texto *arquétipo*, para remontar o original. O terceiro momento, *Originem detegere*, “rematava o processo, tentando reconstruir a história e a fortuna do texto mediante observações baseadas no exame paleográfico do material subsistente e demais informações fornecidas pelos próprios códices” (SPINA, 1994, p. 74).

Spina também cita Pasquali, para o qual, a coincidência de diversos testemunhos em lições genuínas não é prova de parentesco entre os próprios testemunhos. A autoridade de um testemunho independe de sua antiguidade. Não se deve rejeitar um manuscrito interpolado (falsificado), pois, tirando as partes interpoladas, o manuscrito pode conter lições genuínas da obra original. Com Giorno Pasquali, surgem as terminologias: “recensão fechada” - ao se tratar de um caso de tradição mecânica (sem contaminação) e “recensão aberta” – para os casos de tradição não mecânica (com contaminação).

“A Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado” (SPINA, 1994, p. 82). A fim de que o texto seja restituído, torna-se necessário o auxílio de um conjunto de operações. A função substantiva da filologia consiste em explicar o texto, restituir a sua forma original, através da crítica textual, devendo valer-se das disciplinas auxiliares. Por sua vez, cabe à edótica a preparação, organização material e formal do texto com vistas à publicação. A função adjetiva da filologia refere-se a problemas como autoria, datação e sua importância perante textos da mesma época. Finalmente, aparece a função transcendente, que é a transposição do texto, quando deixa de ser um fim em si mesmo e passa a ser um instrumento que permita ao filólogo reconstituir a moldura contextual do texto.

Se um filólogo pretende realizar uma edição crítica deve também ter em mente que isso não é um trabalho mecânico, mas sim metódico, que não se faz sob um modelo, pois cada texto apresenta seus problemas próprios. A edição crítica compreende duas etapas: a) da *fixação do texto*, que consiste em seu preparo segundo as normas da crítica textual (também chamada *apuração* ou *estabelecimento do texto*; b) da *apresentação do texto*. A *fixação* do texto é tarefa da crítica textual; seu trabalho está em considerar a época a que pertence, que tipo de texto é, se clássico, românico medieval, moderno etc., se anterior ou posterior à imprensa. As circunstâncias são inúmeras, por isso, os procedimentos edóticos variam.

A primeira fase de uma edição crítica (apuração, estabelecimento ou fixação do texto) se divide, por sua vez, em três etapas: *recensio*, *estemática* e *emendatio*. A *recensio* pesquisa e coleta todo o material de uma obra manuscrita e impressa, o qual vai constituir sua tradição. A coleta pode ser: a) Direta – se constituída de manuscritos ou de edições impressas, ainda que não manuscritas; b) Indireta – se constituída de

fontes, traduções, citações, comentários, glosas e paráfrases, alusões, imitações. Depois de feita essa distinção entre testemunhos coletados, parte-se para a operação *collatio codium* (no caso dos manuscritos) e a *colação das edições* (tradição impressa).

Para melhor entendimento das denominações usadas até então, entendemos por arquétipo o manuscrito que mais se assemelhe com o original, podendo ter existência real ou ser um texto ideal; passa a ser considerado o original das cópias subsistentes. As cópias do original são denominadas apógrafos, e o texto que está entre o arquétipo e um grupo de manuscritos, subarquétipo. Já variantes são versões diferentes de uma palavra, ou pequeno número de palavras, ocorrentes em manuscritos diversos da mesma obra. Versão vai se referir às diferentes redações do texto, enquanto lição ou leitura consiste na variante escolhida pelo editor do texto. Os erros constituem elementos de provas para detectar as relações de parentesco entre códices transmitidos de determinada obra, entretanto, nem todos os erros servem para relacionar ou definir uma tradição literária.

Um texto organizado precisa estruturar-se desta forma: a introdução antecede o texto e compreende elementos substantivos, os quais estão relacionados com: pesquisa realizada; os problemas e as operações da crítica textual, quer dizer, a história do manuscrito (seu valor, suas inter-relações, classificação e forma de transmissão); a análise das fontes, a árvore genealógica dos testemunhos; informações dos critérios adotados na recensão, *emendatio* e *collatio* (escolha do manuscrito-base, ou texto de colação, ou edição de base); aparato das siglas adotadas. Os elementos adjetivos, que fazem parte também da introdução, não decorrem da crítica textual. Importantes para o entendimento do texto, são de ordem filológica, literária, bibliográfica e técnica.

A crítica genética tem seu alvo no texto definitivo, a resultar de um trabalho de elaboração progressiva e de transformação dentro de um período produtivo, sendo que “o autor se dedicou à pesquisa de documentos ou informações, à preparação, seguida da redação de seu texto, a diversos trabalhos de correções etc” (BIASI, 2006, p. 01). Seus estudiosos dedicam-se à dimensão temporal do texto desde sua nascente. Sendo assim, para que uma obra se torne objeto de estudo, sua gênese precisa ter deixado “pistas”, que são materiais, cujo encontro e elucidação vêm a ser buscados pela genética textual. Esses “rastros” podem ser “documentos de redação”, produzidos, reunidos e muitas vezes conservados pelo autor, e também “manuscritos da obra”. Cada dossiê obtido, se não tiver muitas lacunas, contém “a história do que se passou entre o momento em que

o autor entrevê a primeira idéia de seu projeto e o momento em que o texto, escrito, aparece na forma de um livro impresso” (BIASI, 2006: p. 02).

Enquanto a crítica textual estuda, materialmente, os manuscritos e os decifra, a crítica genética interpreta os resultados das decifrações. As duas têm a finalidade de reconstituir uma história do texto em seu estado nascente, buscando encontrar os segredos de fabricação da obra, a fim de tornar visível e compreender a originalidade do texto literário, através do processo que lhe deu origem. Uma vez especificada essa diferença entre manuscritos, então se passa para o entendimento do que mudou na maneira de estudo do manuscrito moderno.

Atualmente, fala-se dos manuscritos modernos, ou seja, manuscritos de trabalho, que a crítica genética busca averiguar; “podem ser considerados documentos de gênese, na medida em que coexiste outra forma de realização do texto que é a sua finalização estética: a do livro impresso, que fixa a obra em um texto definitivo autenticado pelo autor” (BIASI, 2006, p.2). Estando em nova era, o manuscrito perde sua função de instrumento de comunicação e se centra num novo significado: o de tornar-se o traço pessoal de uma criação individual; passa a adquirir sentido como símbolo de uma originalidade, como prova de um trabalho intelectual. Vários autores contemporâneos começam a prestar mais atenção a seus próprios instrumentos de criação, a conservar seus manuscritos de trabalho e a legá-los a coleções públicas ou particulares.

A crítica genética surgiu na Alemanha, no fim do século XVIII, momento em que alguns dossiês de manuscritos passaram a ser transcritos, propondo perspectivas profundamente inovadoras e que prefiguram a atual crítica genética, a qual continua uma tradição clássica, da filologia, introduzindo novas perspectivas. Desse modo, analisa o documento autógrafo (manuscritos de trabalho) para compreender, no movimento mesmo da escrita, o mecanismo de produção do texto. Assim, procura elucidar o procedimento do escritor e o processo que presidiu à emergência da obra, elabora conceitos, métodos e técnicas que permitem explorar cientificamente o patrimônio de manuscritos modernos.

A gênese é dividida em quatro fases: a pré-redacional, a redacional, a pré-editorial e a editorial. A primeira fase, pré-redacional, precede o trabalho de redação propriamente dito e pode variar de importância, segundo os escritores e as obras. Alguns manuscritos ainda podem ser relacionados com dois tipos de fases pré-redacionais: de decisão e exploratória. Essa fase (pré-inicial) vai se relacionar com as

tentativas espaçadas no tempo, sendo algumas vezes muito anteriores à redação; só existe quando o autor não dá sequência imediata a seu projeto. A fase de decisão precede a redação, eventualmente, constrói uma programação e pode se chamar “inicial” ou ainda “de programação”.

A fase redacional é a etapa de execução propriamente dita do projeto, reagrupando diversas categorias de manuscritos que podem ser acompanhados de um dossiê de notas documentárias de uso redacional. O dossiê documentário redacional “pode ser um conjunto de notas sobre a época em que se situa a história, sobre os locais da narrativa, sobre certas personagens reais que devem servir de modelo ou sobre uma outra questão científica, social, histórica ou técnica que a narração deverá abordar” (BIASI, 2006, p. 14). O dossiê pode ser de redação ou de “rascunhos” da obra.

A partir desse momento, o texto entra na terceira fase, a pré-editorial. Não estando totalmente estabelecido, incorre numa etapa de finalização de outro tipo. Deixa-se o espaço do manuscrito para ingressar numa nova dimensão em que a interpretação do autor vai tornar-se mais específica. A obra está quase finalizada, mesmo assim, ainda podem aparecer algumas emendas, mas já revela o modelo pelo qual se reproduzirá a versão impressa. Geralmente, nessa etapa, o autor passa seu texto para ser copiado por um profissional. A partir do momento que assina a “última prova”, o texto passará para a fase editorial, que dá vida à “primeira edição” do texto, a ser então publicada. Já é o texto da obra, mas não o último estado, que “será, pois, convencionalmente estabelecido com base na ‘última edição feita em vida do escritor’, ao qual será necessário acrescentar as eventuais correções autógrafas” (BIASI, 2006, p. 20).

As fases antes detalhadas permitem reconstituir cronologicamente a gênese material da obra. Segundo Pierre-Marc de Biasi, depois de feita essa redistribuição dos documentos no eixo do tempo, torna-se possível interpretar o conjunto do processo, dar um significado a cada uma das escolhas feitas pelo autor. Essa redistribuição cronológica do pré-texto cabe à genética textual, baseando-se em quatro grandes operações de pesquisa.

A primeira consiste no estabelecimento da documentação, que vai coletar os manuscritos relacionados à obra. Depois, parte-se ao controle da autenticidade, da datação. Realizada essa etapa, vai-se à especificação das peças, que é a segunda operação. Classifica-se, por alto e de modo provisório, cada peça de dossiê por espécie e por fase. Os rascunhos são o cerne da gênese. A terceira operação é a classificação

genética, centrada principalmente no conjunto “rascunhos”, que torna mais precisa a primeira classificação. As diferentes versões serão analisadas e comparadas em cada uma de suas características, até que haja possibilidade de situá-las num eixo em que elas se seguirão, de acordo com a ordem cronológica de sua produção. Após, reconstitui-se o arcabouço, seguindo-se a ordem do texto definitivo.

Estudando as metodologias e teorias que julgamos apropriadas para nos aproximarmos ao material coletado no periódico *Ibirapuitan*, elegemos como texto-base (ou edição de base ou texto de colação) a primeira edição de *Espelho mágico* (1951). Nas edições de *Ibirapuitan* do ano 1938, foram impressos poemas que passariam depois para o livro *A rua dos cataventos*. No outro ano, em seu segundo número, de fevereiro, a revista iria publicar um artigo que já tinha circulado no *Correio do Sul*, de Bagé. Esse jornal “destacava que “Monteiro Lobato, a mais alta expressão da literatura nacional, referindo-se à ‘Ibirapuitan’, teve palavras de franco louvor ao apreciá-la através de significativa carta ao seu diretor.” Na mesma edição, em uma coluna denominada ‘De Rebus Pluribus’, o poeta gaúcho começava a divulgar algumas quadras que encantariam a Lobato” (MITIDIÉRI, 2006).<sup>1</sup>

Os oito volumes de *Ibirapuitan* (IB), nos quais constam as colunas “De Rebus Pluribus”, depois intitulada “Do pátio dos milagres”, exatamente em sua formatação inicial, oferecem partida ao *arquétipo*, que aqui significa o conjunto de poemas publicados no referido periódico, levando-se em conta as alterações processadas naqueles que foram editados em EM. Como na primeira etapa de uma edição crítica, qual seja, a de *fixação*, direcionamos nossa pesquisa à coleta direta – investigação, copiagem, reunião e armazenamento de todo o material para estabelecer a tradição - que recobre apógrafos digitalizados de IB e da revista *Província de São Pedro*, nos quais pudessem constar quintanares relacionados às questões norteadoras da investigação. Além desses, também as edições em livro de EM e a *Poesia completa* de Mario Quintana (2006).

Posteriormente, realizamos a *coleta indireta*, quer dizer, a busca de críticas, comentários e outros trabalhos realizados acerca do material coletado diretamente. O texto de colação se constitui pela primeira edição de EM (1951). Fixamos o *arquétipo* a partir das colunas “De Rebus Pluribus” e “Do pátio dos milagres”, conforme sua

---

<sup>1</sup> Usamos como abreviações, a partir deste momento: IB para *Ibirapuitan*, RC para *A rua dos cataventos* e EM para *Espelho mágico*.

apresentação nos volumes de *Ibirapuitan*. Dessa maneira, registramos algumas versões de poemas entre suas publicações em IB e EM. Levantados todos os números da revista *Província de São Pedro* que abrigam textos de Quintana, realizamos uma parte da *recensio*, primeira e mais difícil etapa da fixação de um texto, consistindo: 1) na tarefa de conferir se os poemas editados em IB não teriam se repetido, com ou sem alterações, em *Província de São Pedro*; b) no confronto entre a primeira edição de EM (1951) e sua apresentação em edições posteriores (1962, 1981).

A *coleta indireta* apontou inexistirem alterações significativas entre o texto de 1951 e as edições ou reimpressões subsequentes, conforme BECKER (1996) e BITTENCOURT (1983). Ainda consultamos a *Poesia completa* de Mario Quintana (2006),<sup>2</sup> consideramos EM como texto-base e tomamos as publicações do poeta em IB por arquétipo.<sup>3</sup> Assim, trazemos a conhecimento os seguintes resultados: há 82 quartetos publicados na coluna “De Rebus Pluribus” (cujo título posteriormente seria alterado para “Do Pátio dos Milagres”) de IB. Desses trabalhos, 65, mesmo com modificações, foram editados em EM. O arquétipo reconfigurado nesta pesquisa então se compõe por EM (1951) mais os 17 quartetos que ficaram de fora da publicação em livro. A tempo, reconhecemos a importância do trabalho pioneiro levado a termo pela prof<sup>a</sup> Gilda Neves da Silva Bittencourt, um dos pontos de partida a nossa investigação, embora dele possamos divergir em parte, quando encontra 67 quartetos em IB, notando que 18 quartetos são excluídos de EM (1951) e que três poemas sofrem modificações nessa edição.

Como visto, os poemas lançados em IB no ano de 1938 antes haviam resultado em outro poemário, composto por sonetos: RC (1940). No caso de EM, trata-se dos quartetos editados nos volumes de 1939 da mesma revista em cuja segunda edição, nua coluna “De Rebus Pluribus”, Quintana lançava algumas quadras que resultariam no livro, somente publicado em 1951. São os seguintes os poemas que estavam no periódico e foram republicados em livro: “Do estilo”, “Da viuvez”, “Da sátira”, “Das belas frases”, “Da experiência”, “Da voluptuosidade”, “Do amigo”, “Do dinheiro”, “Da indulgência”, “Do que elas dizem”, “Do exercício da filosofia”, “Do mal e do bem”.<sup>4</sup>

Na terceira edição de IB, em março de 1939, “De Rebus Pluribus”, trazia os seguintes quartetos, editados posteriormente em livro (EM): “Das idéias”, “Dos

---

<sup>2</sup> *2 Espelho mágico* não foi incluído na *Antologia poética de Mario Quintana* publicada em 1966.

<sup>3</sup> *2 Espelho mágico* não foi incluído na *Antologia poética de Mario Quintana* publicada em 1966.

argumentos”, “Da verdade”, “Da felicidade”, “Da falta de troco”, “Dos benefícios da pobreza”, “Da conformidade”, “Do espírito e do corpo”, “Da observação” e “Da realidade”.<sup>5</sup> Os seguintes epigramas da terceira edição não constaram na publicação em livro: 1) “Da santidade”; 2) “Da comunhão das almas”.

Nos números quatro e cinco de IB, saídos em único volume, referentes a abril e maio de 1939, a coluna “De Rebus Pluribus” ocupou 4 páginas. Nessas, foram publicados os seguintes poemas: “Da eterna procura”, “Da discreta alegria”, “Dos livros”, “Da vida ascética”, “Da contradição”, “Da análise”, “Da perfeição da vida”, “Da amizade entre mulheres” e “Do prazer”. Os poemas “DA MENTIRA”, “DESTE E DO OUTRO MUNDO” e “DA CONSOLAÇÃO” tiveram seus títulos alterados em EM para: “Da Falsidade”, “Do Outro Mundo” e “Do Pranto”. Também vieram a ser publicados: “Do espetáculo desta vida”, “Da condição humana”, “Da sinceridade”, “Das Ilusões”, os quais mantiveram seus títulos originais em EM.

Os quartetos “Dos defeitos de nossos amigos”, “Da amável companhia” e “Da indiscreção” sofreram alterações no título e passaram a ser assim denominados em EM: “Dos defeitos alheios”, “Do sabor das coisas” e “Da indiscrição”. Não foram publicados em livro os seguintes quartetos, integrantes do periódico: 3) “Da seriedade”; 4) “Da serenidade filosófica”; 5) “Da virtude e do mundo”; 6) “Do casamento”; 7) “Das singularidades da lua”.

No número seis de IB, mês de junho de 1939, “De Rebus Pluribus” ocupou uma página. Os poemas dessa seção publicados em EM são: “Da ação”, “Do cuidado da forma”, “Da pobre alma”, “Do ovo de Colombo”, “Das confidências” e “Dos sofrimentos”. No livro, esse sofreu alteração nos títulos, o qual passou a ser: “Dos sofrimentos quotidianos”. Os quartetos não publicados em EM são: 8) “De mim mesmo”; 9) “Do soberbo espírito”.

No número sete da IB, de julho de 1939, a seção “De Rebus Pluribus” mudava de nome para “Do ‘Páteo dos Milagres’”. Nela, constam os epigramas: “Do tédio de escrever”, “Da infiel companheira”, “Da preguiça”, “Da boa e da má fortuna”, “Da caridade” e “Da amarga sabedoria”, que depois aparecem em EM, no qual é alterado o título do primeiro quarteto para “Da preocupação de escrever”, e o poema que, em IB se intitula “Da mediocridade”, no livro, sofre alterações: a) no título, que passa a ser “Da

---

<sup>4</sup> 3 O poema “Do dinheiro” terá seu título alterado para “Da Riqueza” em EM.

<sup>5</sup> 4 Os quartetos “Da verdade” e “Dos argumentos” são respectivamente nomeados em EM como: “Das

mediocridade humana”; b) no corpo do quarteto, distanciando-se bastante da primeira publicação.

O periódico alegretense encerrou-se nos números oito e nove, de agosto e setembro de 1939. Na coluna poética “Do ‘Pátio dos Milagres’”, Mario Quintana publicou os seguintes poemas, depois republicados no livro EM, sem modificações: “DA AMIGA ASSISTÊNCIA”, “DA CONTRAÇÃO AO TRABALHO”, “DO BELO”, “DO AMOROSO ESQUECIMENTO”, “DAS PENAS DE AMOR”, “DO HOMO SAPIENS”, “DA PRÓPRIA OBRA” e “DA RAZÃO”. O quarteto “DE COMO AMAR AOS NOSSOS INIMIGOS” tem apenas o título alterado na publicação do livro para “DA MANEIRA DE AMAR OS INIMIGOS”. Os poemas que agora serão citados, ao contrário dos primeiros, que têm somente o título mudado, mostram alterações: “DA PLENITUDE”, “DO ESPETÁCULO DE SI MESMO”. Os poemas dos números 8 e 9 edição periódica, que não foram publicados no livro EM, são os que seguem: 10) “DA ARTE DE SONHAR”; 11) “DOS LOUVORES”; 12) “DA VIDA E DO TEMPO”; 13) “DO MARTÍRIO”; 14) “DOS JUÍZOS DE CADA UM”; 15) “DOS RICOS DE ESPÍRITO”; 16) “DOS ERROS E DA VERDADE”; 17) “DA MENTIRA”.

Ainda que não tivéssemos como intenção, em primeiro momento, realizar uma edição crítica, os ensinamentos da edótica permitiram organizar o material em estudo, e a estabelecer critérios a uma próxima edição de *Espelho mágico*. Além disso, a comparação realizada entre as diferentes versões é de extrema importância, ao comprovar que os 17 quartetos publicados em 1939 não voltaram a ser novamente editados. Então, considerando que Mario Quintana excluiu aquele poemário editado em 1951 de sua *Antologia poética* (1966), talvez, devido a uma complexidade oculta por aparente singeleza (Cf. BECKER, 1996) e que a *Poesia completa* (QUINTANA, 2005) não leva em conta a última vontade do autor quanto ao mesmo EM, poderíamos trazer a público os poemas de Ibirapuitan que não voltaram a livro?

Antes de responder a essa pergunta, precisamos refazer nosso percurso, iniciando por afirmar que, com base nos resultados apresentados, cumprimos a primeira fase da fixação do texto, ou seja, a *recensio*. Dessa fase, três etapas foram concluídas: coleta direta, coleta indireta e colação das edições. Em seu desenvolvimento, confrontamos os poemas de IB e os textos já selecionados da revista *Província de São Pedro*. Realizamos o mesmo tipo de comparação com as edições de EM posteriores à

---

Verdades” e “Dos Sistemas”.

primeira edição e, assim, a seção dedicada a esse livro na *Obra completa* do poeta em estudo (QUINTANA, 2006). Também levantamos o material digitalizado, digitamos os poemas, atualizamos sua grafia e procedemos à verificação do texto-base, para o mencionado confronto com a produção quintanesca editada em EM.

Ainda analisamos os livros: *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Inéditos e esparsos* (1953), *Caderno H* (1973), *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), *A vaca e o hipogrifo* (1977), *Prosa e verso* (1978), *Esconderijos do tempo* (1980), *Nova antologia poética* (1981), *Baú de espantos* (1986), *Da preguiça como método de trabalho* (2009), *Preparativos de viagem* (1987), *Porta giratória* (1988), *A cor do invisível* (1989), *Antologia poética de Mario Quintana* (1989), *Velório sem defunto* (1990), *Sapato furado* (1994), edições posteriores ao periódico *Ibirapuitan*. Procuramos, de tal modo, constatar se realmente os 17 quartetos não editados em EM teriam porventura retornado, com ou sem modificações, a alguma outra publicação.

Dos livros acima, observamos que, em *Sapato florido* (1948), *Prosa e verso* (1978) e *Da preguiça como método de trabalho* (2009), o autor publica o verso “A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer”. Então, dos 17 quartetos, um foi parcialmente publicado, no entanto, não como se apresenta em IB: “E a mentira, afinal, é um simples fato que se olvidou de acontecer...”. Dessa forma, já se torna possível apresentar os 17 quartetos que ainda não foram publicados em livro:

### **Da santidade**

Prometeu o Senhor, em troca aos bens terrenos,  
Sua inefável Graça, eternidade em fora.  
Fez bem. Senão, até agora  
Não contaria o Céu um triste santo ao menos...

### **Da comunhão das almas**

Quando entram as almas em contato  
Para o duo do amor, a divina miragem,  
Cada um apresenta ao outro o seu retrato  
E o outro olha no vidro a própria imagem...

### **Da seriedade**

Tu que assim, reservado, infrangível, pudente,  
A extrema sensatez procuras...  
Doido, o que fazes é cair, somente,  
Na mais sem graça das loucuras...

### **Da serenidade filosófica**

Aos males do futuro, a sã filosofia  
Encara, e vence-os facilmente.  
O triste é que se vão mudando, dia-a-dia,  
Em males do presente...

### **Da virtude e do mundo**

Se tens virtudes, trata de as polir:  
Terão, assim, algum lugar nas salas...  
Muito mais importante que as possuir  
É saber, nesse mundo, figurá-las.

### **DO CASAMENTO**

Uma praça sitiada e o casamento,  
Têm ambos esse aspecto singular:  
Suspiram por sair os que estão dentro,  
Forcejam os de fora por entrar.

### **DAS SINGULARIDADES DA LUA**

Casta, a Lua? Qual nada! Anda S. Pedro farto  
Da sua vida escandalosa e feia:  
Costuma, a doida, andar de quarto em quarto...  
E inda por último aparece cheia!

### **De mim mesmo**

Ó fantasmas do espelho! ó Sombra na vidraça!  
Com quem às vezes cruzo um desinquieto olhar...  
Serás o estranho EU que a noite e o dia passa,  
Suspeitoso e cruel, a me espionar?

### **Do soberbo espírito**

Deus e os Mundos o teu Espírito delinda.  
Mas meu pobre *homo sapiens*, por quem és!  
Não suspeitas que nesse óculo ao réves  
Fica tudo menor e mais distante ainda?

### **DA ARTE DE SONHAR**

Sorris, nesse tugúrio miserando,  
Sorris, sozinho, abandonado, obscuro:  
Tua noiva, a Esperança, está cantando  
No Palácio Invisível do Futuro!

### **DOS LOUVORES**

Não te é mesquinha a turba em seu aplauso vivo.  
Agradece-lhe, pois; mas agradece em parte:  
Se te admiram por algum motivo  
É que têm outros para desprezar-te...

### **DA VIDA E DO TEMPO**

Horas que vos desfiais, inúteis e vazias!  
E a velhice que vem... e essa triste experiência  
De ver que no final desses tão longos dias  
Foi tão curta a existência...

### **DO MARTÍRIO**

Pelo teu ideal, na generosa lida,  
Acaso um dia assassinaste alguém?!  
Então, como é que vais, por ideal também,  
Sacrificar a tua própria vida?

### **DOS JUÍZOS DE CADA UM**

Os nossos juízos, parece,  
Jamais coincidem bem.  
Igual coisa aos relógios acontece...  
Mas cada um confia no que tem .

### **DOS RICOS DE ESPÍRITO**

Enquanto dizes *os bons mots* ao doce,  
Ao devoto auditório embevecido –  
Enfardo imagino um banquete que fosse  
Tão só de gulodices constituído...

### **DOS ERROS E DA VERDADE**

Contra os Erros evita as violentas refregas.  
Pois poderias, por casualidade,  
Com algum murro desferido às cegas,  
Sangrar as ventas da Verdade...

### **DA MENTIRA**

Deves mentir, sei nisso tens prazer.  
Tudo, enfim, poderia ser exato...  
E a mentira, afinal, é um simples fato  
Que se olvidou de acontecer...

Com base em tais resultados, reafirmamos que as considerações sobre edótica, gênese textual e crítica textual aportam produtivas noções sobre o processo editorial. Da mesma forma, mostram as complexidades que envolvem as edições de textos, revelando outra faceta do trabalho do profissional em Letras. Detalhes da pesquisa ora apresentada podem ser conferidos na página on-line da URI-FW, através do link: <<http://www.fw.uri.br/site/vernoticia.php?id=1195>>. Esta investigação assim cumpre seus objetivos de contribuir para com o patrimônio cultural do estado e do país ao resgatar, com método científico, textos que ficaram quase inéditos, por mais de 70 anos.

Sem que recebam, até hoje, posterior edição em livro, os 17 poemas ora revelados auxiliam a recostituir a obra quintanesca, mostrando que, nela, desde as primeiras publicações, “o elemento humorístico se avoluma, constituindo uma espécie de chave-mestra para a apreensão serena do real. O olhar do poeta vai se dependurando progressivamente de todo sentimentalismo, ao mesmo tempo em que se torna cético em relação ao homem e seu destino” (BECKER, 1996, p. 132). É em processo como esse que, num primeiro momento, EM parece constituído por provérbios. Um olhar atento, contudo, denuncia a nota humorística presente nos quartetos, explicitando que são, na verdade, epigramas (Cf. BECKER, 1996, p. 134). Nos “quintanares”, em destaque, também sublinhamos uma constante rede intertextual e as relações do poeta com o mundo. Tais vínculos contemplam a participação de Quintana em jornais e revistas, responsável tanto por seu debut como escritor quanto, em especial, por torná-lo conhecido nos meios intelectuais e junto ao grande público.

## Referências

BECKER, Paulo. *Mario Quintana: as faces do feiticeiro*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

BERGES, Daniel; BARBIÉRIS, Pierre. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Caminhos de Mario Quintana: a formação do poeta*. Porto Alegre: UFRGS, 1983 (dissertação de mestrado – mimeo).

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Espelho mágico: gênese do verso curto e do humor em Mario Quintana*. Ciências & Letras, Porto Alegre, v. 39, p. 47-64, 2006.

BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Mario Quintana: o anjo da escada*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2006.

CASTRO, Néa. *Mario Quintana. Lírico e irônico. Cuidado: sua poesia do cotidiano nos empurra no abismo da eternidade*. Porto Alegre: Tchê!, 1985.

COELHO, Felisberto Soares (Dir.). *Ibirapuitan: Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*, Alegrete, RS, 1938. 8 v.

\_\_\_\_\_. *Ibirapuitan: Sociedade, Literatura e Arte*. Alegrete, RS, 1939. 7 v.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Mario Quintana: poeta, caminhante e sonhador*. Porto Alegre: IEL, 2006. (Autores Gaúchos). Colaboração: ALMAQ (Acervo Literário Mario Quintana). Coleção Autores Gaúchos.

MITIDIÉRI-PÉREIRA, André Luis. Quintana em Ibirapuitan, Um suplemento à história e à crítica literárias. *Brasil Brazil*, Porto Alegre/Providence, n.34, ano 19, p.81-96, 2006.

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Disponível em: <<http://www.ipct.pucrs.br/letras/saopedro>>. Acesso em: 05 set. 2006.

QUINTANA, Mario. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1966. Seleção de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos.

\_\_\_\_\_. *Antologia poética de Mario Quintana*. Porto Alegre: Globo, 1989.

\_\_\_\_\_. *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Globo, 1976.

\_\_\_\_\_. *O aprendiz de feiticeiro*. Porto Alegre: Fronteira, 1950.

\_\_\_\_\_. *Baú de espantos*. Porto Alegre: Globo, 1986.

\_\_\_\_\_. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1973.

\_\_\_\_\_. *Canções*. Porto Alegre: Globo, 1946.

\_\_\_\_\_. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

\_\_\_\_\_. Espelho mágico. In: QUINTANA, Mario. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1962. (Reedição dos primeiros cinco livros de poesias do autor).

\_\_\_\_\_. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

\_\_\_\_\_. *Espelho mágico*. Porto Alegre: Globo, 1951.

\_\_\_\_\_. *Inéditos e esparsos*. Alegrete: Cadernos de Extremo Sul, 1953.

\_\_\_\_\_. *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

\_\_\_\_\_. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1962.

\_\_\_\_\_. *Porta giratória*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

\_\_\_\_\_. *Da preguiça como método de trabalho*. Porto Alegre: Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Preparativos de viagem*. Porto Alegre: Globo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Prosa e verso*. Porto Alegre: Globo, 1978.

\_\_\_\_\_. *Sapato florido*. Porto Alegre: Globo, 1948.

\_\_\_\_\_. *Sapato furado*. São Paulo: FTD, 1994.

\_\_\_\_. *Velório sem defunto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

\_\_\_\_. *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: Garatuja, 1977.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. Uma vida contada pela poesia. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Mario Quintana: o anjo da escada*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2006. p. 36-46.

SCHMIDT, Simone Pereira; BARBOSA, Márcia Helena. *Mario Quintana*. Porto Alegre: UE, 1997. (Cadernos Porto & Vírgula, 14). p. 7-13

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 1994.

VASSALO, Márcio. *Mario Quintana*. São Paulo: Moderna, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *Mario Quintana*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Literatura Comentada).

\_\_\_\_. Mario Quintana: diversidade sempre fiel a si mesma. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. VIII, n. 3, p. 419-440, dez. 2001.